



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

MULHER NA PM: UMA QUESTÃO ESTRATÉGICA OU MARCA DE EMPODERAMENTO?

Jamile Maria da Cunha Silva

Universidade do Estado da Bahia
cunhasilva23@hotmail.com

Felipe Rodrigues Bomfim

Universidade do Estado da Bahia
fbomfim@Uneb.br

RESUMO

O presente artigo apresenta um olhar essencialmente especial acerca da importância da inserção feminina na Polícia Militar, o que é notoriamente algo muito positivo para a sociedade e para a própria instituição. Neste trabalho, buscou-se verificar se a inserção das mulheres nos quadros da Polícia Militar da Bahia se configura como uma estratégia de *marketing* para o melhoramento da imagem da instituição, ou se, apesar dos desafios enfrentados por elas, devido ao preconceito instaurado na sociedade como um todo, tal ingresso é resultado do empoderamento da figura feminina através dos tempos.

Palavras-chave: Mulher. Polícia Militar da Bahia. Estratégia. Empoderamento.

1 INTRODUÇÃO

A presença da mulher na Polícia Militar é cada dia mais reconhecida como um fator positivo, visto que o papel desempenhado pela mulher historicamente esteve relacionado à apaziguação de problemas por esta ter muito mais sensibilidade que o homem e, assim, saber lidar melhor com conflitos, sobretudo os de ordem emocional.

Esta pesquisa é de base quali-quantitativa e busca compreender como as policiais femininas contribuem para a suavização da imagem da instituição, que teve a sua figura enfraquecida, devido ao período conhecido por muitos como Ditadura Militar, e custa a ganhar novamente a confiança da sociedade.

As análises serão realizadas através de questionários que visam a registrar e compreender as representações sociais concernentes ao ingresso e presença de mulheres na Polícia Militar da Bahia, uma organização marcadamente masculina, observando de forma



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

mais atenta as variações presentes nas respostas conforme graduação, posto e sexo dos policiais, bem como o perfil dos civis respondentes.

O estudo é centrado no processo histórico de inserção das mulheres no mercado de trabalho e, especificamente, nas funções policiais militares, bem como na análise das estratégias de *marketing* utilizadas pela instituição a fim de desconstruir as fortes marcas negativas deixadas pelo período do Regime Militar.

O *marketing* institucional de que trata este trabalho é voltado ao fortalecimento da marca da Polícia Militar do Estado da Bahia por meio da inserção do ser feminino em seus quadros. Desse modo, o trabalho será norteado pelo seguinte questionamento: a inserção das mulheres nas fileiras da Polícia Militar da Bahia (PMBA) serve como estratégia para o processo de suavização da imagem da instituição perante a sociedade, é mais uma marca de empoderamento do ser feminino, ou as duas questões estão intrinsecamente ligadas?

2 CONTEXTO HISTÓRICO

A conquista dos direitos fundamentais por parte das mulheres é algo ainda recente na história da humanidade, apesar de a luta por esses direitos ser bastante antiga. Desde a antiguidade, os registros históricos revelam a supremacia masculina em detrimento de questões primordiais para que as necessidades femininas fossem atendidas.

À mulher era completamente restrito o direito de liberdade, era-lhe proibido ter uma vida, ainda que em questões ínfimas, que chegasse próximo à vida permitida aos homens. A vida social era limitada ao que a sociedade lhes impunha e a mulher que cometesse os mínimos “desvios” era mal vista por homens e por mulheres que, apesar de também serem vítimas, reproduziam e reforçavam o discurso machista que imperava naquele momento histórico.

À mulher era reservada, restritivamente, a função de ser boa esposa, isto é, mulher que agradasse em tudo o seu marido, ainda que aquilo não lhe fizesse bem, e mãe cuidadosa, que quer dizer mãe presente, que não trabalha fora das paredes do lar. Priore (2012, p. 585) afirma que: “Muitos acreditavam [...] que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães [...]” Logo, o trabalho da mulher fora de casa consistiria em um grande risco para a sociedade.

Às mulheres eram negados direitos simples, e tudo o que se caracterizasse como atividade exclusivamente masculina não poderia ser praticado por elas. Logo, naquela época



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

era impensável uma mulher exercer a atividade policial, o que ainda não é totalmente aceitável nem pelas instituições policiais, sobretudo a Polícia Militar, que é extremamente ostensiva, nem pela sociedade como um todo.

Por muito tempo as mulheres ficaram relegadas a papéis secundários, sobretudo no serviço doméstico. Até mesmo para a maioria delas, a inferioridade da razão ao comparar-se ao homem era algo incontestável, a elas era o suficiente saber realizar os seus supostos deveres naturais, a saber: obedecer ao marido, ser fiel, cuidar da casa e dos filhos, etc. sendo estas incapazes de ultrapassar o mundo da domesticidade que a natureza lhes concedeu como legado.

Muitos trabalhos da atualidade têm destacado diariamente as conquistas da mulher nos mais variados postos de trabalho e campos de atuação. E isso inclui a mulher na Polícia Militar, instituição original e majoritariamente masculina.

A inserção das mulheres na Polícia Militar se deu somente após 165 anos de convívio exclusivamente masculino na Corporação. Por determinação do Governo do Estado, em 1989, a Polícia Militar do Estado da Bahia abriu suas portas para este segmento, valendo ressaltar que esta foi apenas a penúltima, entre as polícias militares do país, a tomar tal atitude.

Acredita-se que o período conhecido como Ditadura Militar foi um dos fatores a levar a PM de todo o Brasil a inserir mulheres em seus quadros, a fim de proporcionarem o acolhimento que outros setores do mercado de trabalho já ofereciam, e, principalmente, desconstruir a imagem negativa causada pelo período. Isso porque o Regime Militar marcou profundamente a história de nosso país e deixou tanto na população quanto na própria instituição Polícia Militar marcas profundas que custam a desaparecer.

Para muitos, por mais que a instituição venha investindo na mudança de sua imagem, boa parte da população ainda não enxerga no policial militar alguém em quem pode confiar ou que irá protegê-lo e zelar por sua integridade física, em caso de necessidade. Não raras vezes, a imagem do policial e do bandido se confundem para muitos.

Portanto, inúmeros resquícios daquele período subsistem até hoje e a Polícia Militar da Bahia tem buscado, sobretudo através da utilização da imagem feminina, minimizar os efeitos negativos do período que, para muitos, ficou conhecido como “Ditadura Militar”.

3 ATUAÇÃO DA MULHER POLICIAL, RELAÇÃO COM A COMUNIDADE E SUA IMAGEM NAS REDES SOCIAIS



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

De acordo com Philip Kotler e Karen F. A. Fox (1994, p. 23), “Marketing é uma atividade central das instituições modernas, crescendo em sua busca de atender eficazmente alguma área de necessidade humana”. Diante disso, é imprescindível para qualquer instituição, que queira fortalecer sua imagem, investir no marketing institucional.

O marketing é algo imprescindível em empresas e/ou instituições, uma vez que lida com a identificação e o atendimento das necessidades humanas e sociais. De acordo com Philip Kotler e Karen F. A. Fox (1994), autoridades mundiais no assunto, “Uma instituição com orientação de marketing concentra-se na satisfação das necessidades de seus públicos”.

Já o Marketing Institucional consiste na execução de atividades fundamentais para atingir o objetivo de determinada instituição, na qual seu propósito principal é melhorar a sua própria imagem ou conseguir apoio, buscando, para tanto, a utilização de várias ferramentas, envolvendo variados tipos de marketing.

O termo imagem é conceituado por Kotler e Fox (1994, p. 59) como sendo “[...] a soma de crenças, ideias e impressões que uma pessoa tem de um objeto.” Desse modo, o conceito de imagem vai além de uma simples crença, ela consiste num conjunto de crenças. As instituições podem fazer o monitoramento das mudanças de sua imagem no decorrer do tempo fazendo um estudo dela periodicamente, observando se houve ou não diminuições e/ou melhorias significativas.

Quando a imagem projetada ao público não é a desejada por determinada instituição, ela tende a desenvolver “uma *imagem desejada* na mente do público, em contraposição à *imagem atual*” (KOTLER E FOX, 1994, p. 64, grifo do autor). Para tanto, a instituição trabalhará para mudar a imagem que possui observando cada detalhe e traçando um plano de modificação de imagem.

De acordo com Kotler e Fox (1994, p. 65), “Uma instituição que procura mudar sua imagem deve ter muita paciência. As imagens tendem a permanecer por muito tempo após a realidade da instituição ter sido modificada.” Logo, a imagem negativa da Polícia Militar, criada após o período que é chamado por muitos de Ditadura Militar é, ainda, algo a ser desconstruído. Contudo, conforme dito pelos autores supracitados quanto à mudança de imagem de qualquer instituição, requer tempo e paciência.

Ao fazermos uma avaliação, mesmo que superficial, dos efeitos positivos da participação feminina na segurança dos estados e dos municípios perceberemos que esses efeitos são reais e perceptíveis. Isso é possível devido à sensibilidade feminina para lidar com questões sociais, bem como por serem mais resistentes a situações ligadas à corrupção.



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

O dia 08 de março de 2015 é um marco na história da PM da Bahia, pois, nele, foi assinado o Termo de Cooperação entre Governo do estado e outros órgãos, criando a Ronda Maria da Penha (doravante RMP), que atua em atendimento às mulheres que solicitam medida protetiva, em razão de terem sofrido violência doméstica.

Essa ronda especial tem como Comandante a Major Denice Santiago, que já tem sob sua proteção mais de 600 (seiscentas) mulheres em situação de violência. O fato de a Comandante ser uma mulher é extremamente importante para que a instituição ganhe ainda mais a confiança de mulheres que, frequentemente, são vítimas do machismo e da violência e que, por muito tempo, tinham medo de denunciar devido ao machismo que se revelava já no tratamento dado por alguns policiais ao atenderem certas ocorrências.

As ações da RMP visam a coibir a reincidência do delito já praticado contra mulheres, bem como protegê-las de modo que as vítimas não continuem em situação de vulnerabilidade ou, ao menos, diminuindo as chances de que elas continuem a sofrer as agressões. Ela é mais uma marca de empoderamento da mulher, bem como revela que o ingresso da mulher na PMBA serve como instrumento de suavização da sua imagem perante a sociedade.

Uma cena que tem se repetido com frequência nas aparições públicas das policiais militares da Bahia mostra mulheres armadas, com fardamento operacional, de gala ou passeio, mas quase sempre muito bem maquiadas, cabelos arrumados em impecáveis coques, com um largo sorriso no rosto, abraçando crianças e idosos, demarcando o seu lugar da mulher como agente da segurança pública.

Entretanto, isso não era possível há alguns anos, pois o quadro feminino da polícia existe há algumas décadas na Bahia, mas ainda é algo relativamente novo dentro da realidade da instituição e, devido a isso, a Polícia Militar se adequava apenas ao seu modelo que vigorou por quase dois séculos até que a mulher pudesse ser inserida em suas fileiras.

O próprio manual de conduta militar limita a mulher, dentre outros aspectos, ao uso de maquiagem simples, não muito chamativa, apesar de isso não interferir direta ou indiretamente no bom desempenho de suas atividades, o que é mais um traço do modelo patriarcal, que, ainda que não fique muito evidente para alguns, masculiniza a mulher, tentando obrigá-la a se “adequar” aos moldes institucionais.

Figura 1 - Imagem postada no dia 04 de maio de 2018.



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES



Fonte: Página oficial da PMBA

Essa imagem foi postada com a seguinte inscrição: “Um feliz dia pra você! [#PMBA](#)”. Nela, alguns elementos chamam a atenção do leitor de modo positivo, a exemplo dos sorrisos das duas policiais, que remetem a uma aparente satisfação e felicidade, transmitindo, assim, ao leitor da página algo positivo que se confronta com a imagem sisuda que se construiu do policial. Outro aspecto importante é que as policiais estão de mãos dadas, o que revela o provável sentimento de amizade entre elas, levando o leitor a encarar o policial como um ser humano, que também tem sentimentos. Por fim, a foto, tirada com as policiais numa janela, pode conduzir o leitor a confiar em “abrir suas portas” para a polícia, pois ela transmite confiança.

Figura 2 - Imagem postada no dia 28 abr. de 2018.



Fonte: Página oficial da PMBA no Facebook.

Nessa imagem, pode-se perceber mulheres policiais e crianças sorrindo abraçando-se, revelando certa proximidade entre eles e um carinho mútuo. Vale ressaltar que as policiais da



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

foto prestam serviço em uma companhia especializada da PMBA, mostram, portanto, força e, ao mesmo tempo, um amor característico das mulheres. No fundo da imagem, percebe-se a viatura e uma criança em seu interior, mostrando, mais uma vez, a estreita relação que a PM tem, em alguns espaços, e busca ter com a sociedade.

Tais cenas, que são marcas de um tipo específico de inscrição simbólica das mulheres nas polícias militares, somada aos diferentes discursos sobre o papel do feminino na área de segurança pública, exercem, inegavelmente, um papel imprescindível nas construções de imagens da própria instituição perante a sociedade.

Entretanto, a despeito do que se presencia atualmente, é notório que, por muito tempo, as forças de segurança pública, sobretudo a Polícia Militar, eram vistas como instituições extremamente patriarcalistas, machistas e de condutas extremamente arbitrarias, e, ao exercerem tais papéis, distanciavam-se substancialmente da sociedade a quem prestavam serviço.

Diante disso, infere-se que a inserção da mulher nas fileiras da Polícia Militar da Bahia foi algo extremamente importante para que a instituição possa suavizar ainda mais a sua imagem perante a sociedade, quebrando paradigmas e ampliando as oportunidades de aproximação e de diálogo com a sociedade a que a instituição serve.

4 METODOLOGIA, ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

A elaboração deste trabalho foi feita a partir de um questionário, com 7 questões de múltipla escolha para militares e 6 questões também de múltipla escolha para civis. Além disso, foi feita uma pesquisa bibliográfica, que teve como foco o desejo do pesquisador em descobrir qual é a visão da de policiais militares e de pessoas civis no tocante ao fato de saber se consideram importante o ingresso de mulheres na PMBA, bem como se isso serve de estratégia de marketing para melhor a imagem institucional.

Para tanto, foi feita a coleta, análise e descrição dos dados fornecidos por 20 (vinte) policiais oficiais, dos quais 19 são homens e 1(uma) mulher; 53 (cinquenta e três) praças, sendo 33 (trinta e três) homens e 20 (vinte) mulheres; e 40 (quarenta) pessoas civis, 20 (vinte) homens e 20 (vinte) mulheres.

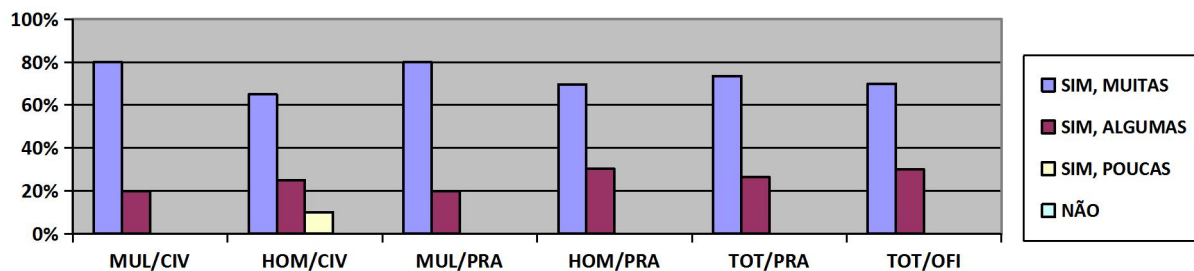
Com exceção da questão 04, que é algo específico para os policiais militares e, portanto, foi aplicada apenas a eles, todos responderam as mesmas perguntas, entre os dias 27/05 e 01/06/2018.



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

Através da primeira questão, buscou-se verificar se, na opinião de militares e civis, a inserção de mulheres na PM trouxe mudanças significativas para a sociedade, do que se obteve o seguinte resultado:

Gráfico 1: Inserção das mulheres na Polícia Militar da Bahia



Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018

As informações contidas no gráfico 1 evidenciam que para 80% das mulheres militares, bem como para 80% das civis, a inserção das mulheres nas fileiras da PM trouxe muitas mudanças significativas para a sociedade. Para 20%, tanto de militares quanto de civis, tal inserção trouxe algumas mudanças. Tal informação é fundamentalmente importante, uma vez que o resultado no tocante à questão é exatamente o mesmo para mulheres militares e civis. Logo, não houve variação de resultado entre as respondentes.

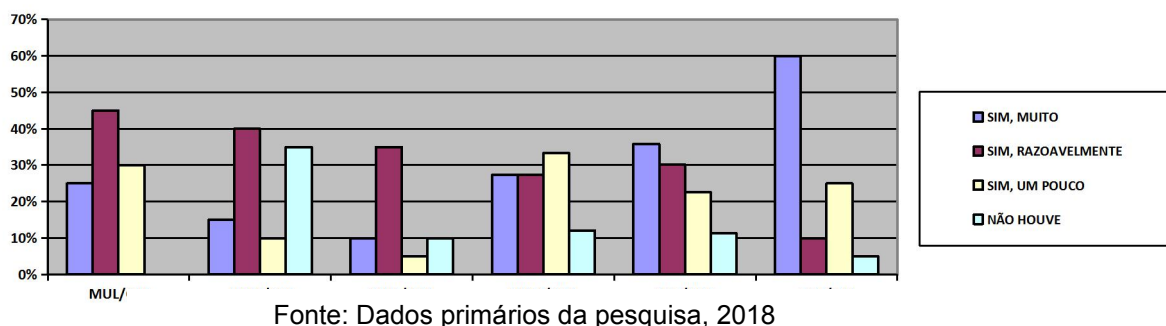
Já o resultado obtido entre os homens, embora não seja igual ao das mulheres, também é elevado, pois para 69,70% dos militares e 65% dos civis a inserção das mulheres na PM trouxe muitas mudanças significativas. Apenas 30,30% dos militares e 25% dos civis responderam que as mulheres trouxeram apenas algumas mudanças, enquanto nenhum militar respondeu que as mudanças trazidas pela inserção das mulheres foram poucas ou nenhuma. Entre os civis, apenas 10% dos respondentes acreditam que foram poucas as mudanças. É, por conseguinte, relevante destacar que nenhum dos sujeitos entre homens e mulheres, militares ou civis, respondeu que o ingresso das mulheres não trouxe mudanças para a sociedade.

Quanto a opinião dos respondentes com relação ao quanto os resquícios deixados pelo Regime Militar haviam afetado a confiança da sociedade na PM, conforme as informações do gráfico 2.

Gráfico 2: Resquícios da “Ditadura” e a confiança na Polícia Militar da Bahia



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES



Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018

Esses dados revelam que 50% das mulheres militares e 25% das civis responderam “sim, muito”; 35% das militares e 45% das civis responderam “sim, razoavelmente”; 5% das militares e 30% das civis disseram “sim, um pouco”; e apenas 10% das militares e nenhuma entre as civis disseram que não houve diminuição de confiança da sociedade na PM em decorrência do período do Regime. Logo, percebe-se grande variação entre as respondentes quanto à questão.

Os resultados obtidos entre os homens (praças) também variam, pois 27,27% dos militares e 15% dos civis responderam “sim, muito”; também 27,27% dos militares (praças) responderam “sim, razoavelmente”, enquanto 40% dos civis responderam a essa questão; 33,33% dos militares (praças) e 10% dos civis responderam “sim, um pouco”; e, por fim, 12,12% dos militares (praças) e 35% dos civis responderam que não houve diminuição de confiança da sociedade na PM devido ao período chamado por muito de “Ditadura Militar”.

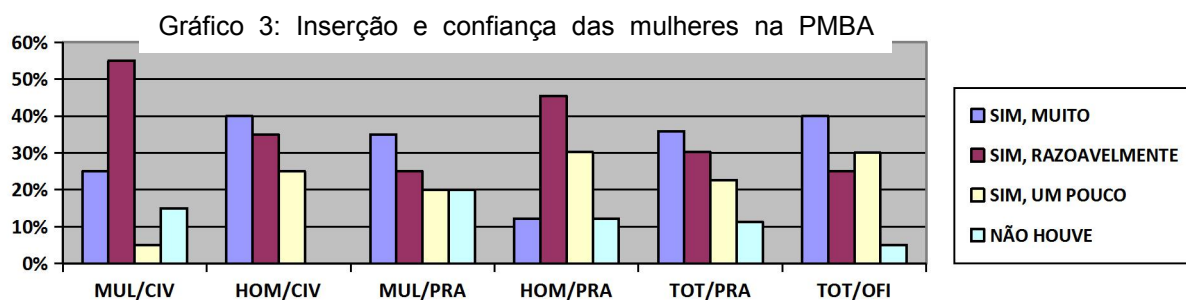
Chama atenção as respostas dos oficiais militares que 60% responderam “sim, muito” no que tange à diminuição da confiança da sociedade na PM em decorrência do Regime Militar, enquanto tão somente 10% deles responderam “sim, razoavelmente”, 25% “sim, um pouco” e apenas 5% entre eles acredita não ter havido diminuição de confiança.

Pôde-se constatar que essa questão oscila bastante entre todos os respondentes. Os maiores índices da resposta “sim, muito” estão entre os oficiais, as mulheres militares e as civis, respondendo, respectivamente, 60%, 50% e 45%.

Sobre a relação entre a inserção das mulheres na PM e o aumento da confiança da sociedade na instituição, obteve-se:



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES



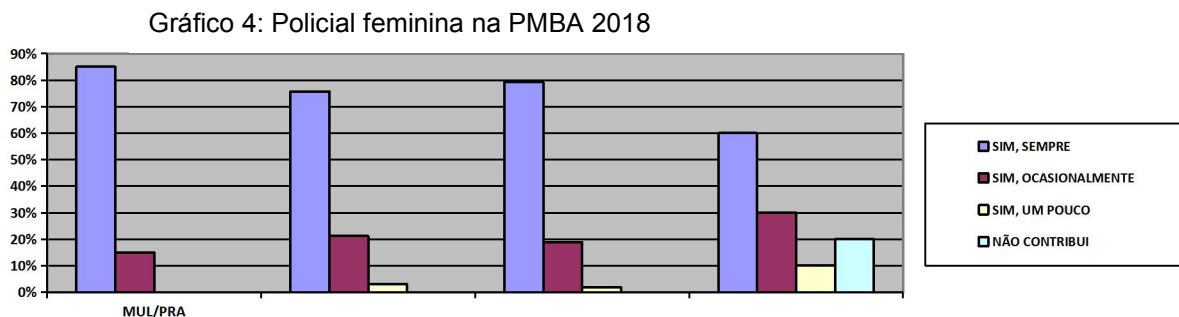
Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018

As informações contidas no gráfico 3 atestam que, 35% das mulheres militares e 25% das civis responderam “sim, muito”; 25% das militares e 55% das civis, “sim, razoavelmente”; 20% e 5%, militares e civis, respectivamente, responderam “sim, um pouco”; e, por fim, 20% das militares e 15% das civis disseram que não houve aumento de confiança. Os resultados variaram muito entre as mulheres, porém, para a maioria delas, a presença da mulher na PM contribui muito ou, pelo menos, razoavelmente para que haja um aumento de confiança da sociedade na instituição.

Os homens militares (praças) responderam 12,2% e 40% dos civis responderam que “sim, muito” as mulheres contribuíram para o aumento da confiança da sociedade na PM, enquanto 45,45% dos militares e 35% dos civis responderam “sim, razoavelmente”; 30,30% entre os militares (praças) e 25% entre os civis disseram que as mulheres contribuem “sim, um pouco” para o aumento da confiança, enquanto 12,12% dos militares (praças) responderam que elas não contribuíram para o aumento da confiança. Nenhum civil declarou não ter havido contribuição.

Entre os oficiais, as respostas foram as seguintes: 40% “sim, muito”; 25% “sim, razoavelmente”; 30% “sim, um pouco”, e apenas 5% respondeu que não houve contribuição.

Na questão destinada apenas aos militares, sobre a contribuição da presença feminina para um melhor clima dentro da instituição, obteve-se os seguintes dados:



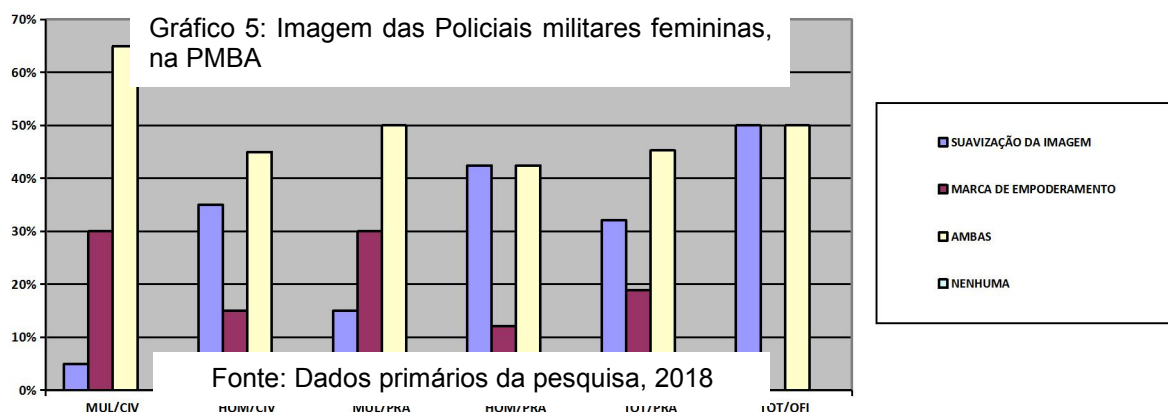
Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

Verificamos, por meio das informações contidas no gráfico, 85% das mulheres militares responderam que a presença das policiais favorece um clima melhor dentro da instituição, apenas 15% delas consideram que contribui ocasionalmente, mas nenhuma disse acreditar que contribui apenas um pouco ou que não contribui. Já entre os homens (praças), 75,76% responderam que “sim, sempre” a presença feminina favorece a um melhor clima na PM, apenas 21, 21% disseram que favorece ocasionalmente e 3,03% afirmou que favorece um pouco. Para 60% dos oficiais, a presença da mulher contribui muito para um bom clima na instituição; para outros 30%, tal presença favorece ocasionalmente; 10% disseram que há pouca contribuição. Nenhum dos militares, entre praças e oficiais, disse que a presença feminina não contribui para que haja um melhor clima institucional.

No tocante ao questionamento se as aparições públicas são estratégias para suavização da imagem da corporação ou se são marcas de empoderamento da mulher, os resultados obtidos foram os seguintes:



Os dados revelam que apenas 15% das mulheres militares acreditam que as aparições públicas servem como estratégia de suavização da imagem da corporação, ao passo que 5% das civis responderam afirmativamente a mesma questão. 30% de mulheres militares e civis responderam que as aparições são marca de empoderamento feminino. 50% das militares e 65% das civis disseram que as imagens das mulheres são tanto estratégias de marketing quanto marca de empoderamento feminino. Apenas 5% das civis disse não haver relação nem com uma nem com outra questão.

Já para 42,42% dos militares (praças) e 35% dos civis responderam que a utilização da imagem feminina visa à suavização da imagem da instituição; 12,12% dos militares e 15% dos civis afirmam que tal utilização é marca de empoderamento; 42,42% e 45% de militares

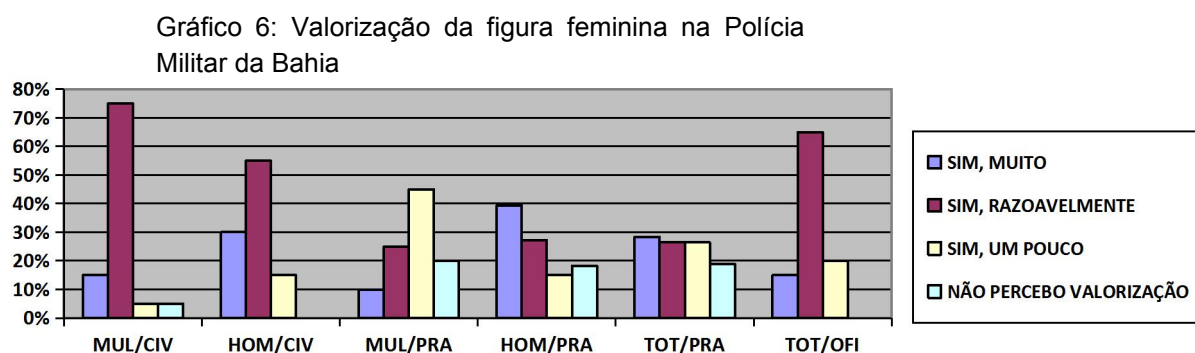


VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

(praças) e civis, respectivamente, responderam que a imagem feminina é usada como elemento suavizador e como marca da emancipação feminina. Apenas 3,03% de militares (praças) e 5% de civis responderam que as imagens das policiais não são usadas por nenhuma das opções.

Para 50% dos oficiais a imagem da mulher é usada estrategicamente para suavizar a imagem da instituição perante a sociedade e os outros 50% responderam que tal utilização se deve tanto como suavizador da imagem desgastada quanto pelo empoderamento feminino.

Quando foi perguntado se perceberam uma valorização da figura feminina dentro da instituição, obteve-se os dados revelados no gráfico 6:



Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018

Percebe-se que é significativo e também alarmante observar que apenas 10% das militares afirmam que há muita valorização, 25% disseram que a valorização é razoável, 45% responderem que há pouca e 20% das respondentes afirmarem que não há valorização da figura feminina dentro da instituição, uma vez que essas profissionais estão diretamente inseridas nesse processo de valorização.

Entre os homens militares (praças) 39,39% responderam que a mulher é muito valorizada, 27,27% disseram que ela é valorizada razoavelmente, 15,15% responderam que são pouco e 18,18% disseram que não percebem valorização. Já para 15% dos oficiais elas são muito valorizadas, para 65% elas são razoavelmente valorizadas e 20% afirmaram que elas são pouco valorizadas.

Os civis homens e mulheres, sujeitos que observam do lado de fora a questão da valorização, responderam em sua grande maioria, 55% de homens e 75% das mulheres, que a mulher militar é razoavelmente valorizada, e 30% dos homens e 15% das mulheres afirmam que elas são muito valorizadas.

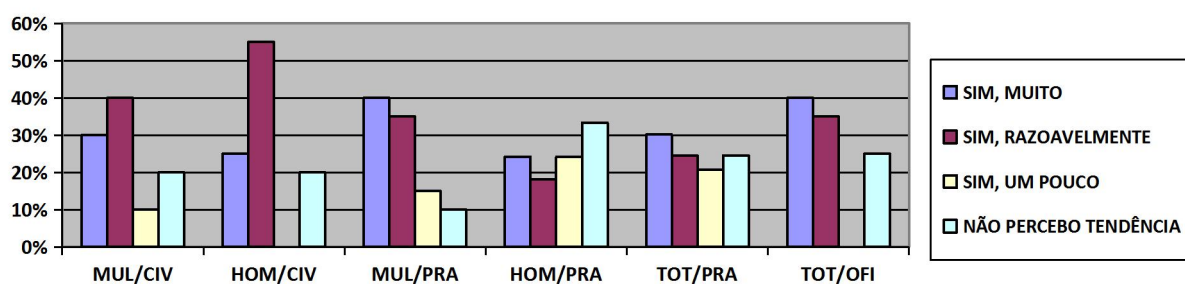


VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

Portanto, percebe-se que a visão dos civis se assemelha entre si e assemelha-se também à visão dos oficiais, mas se distanciam da percepção dos militares (praças), e, sobretudo, da visão das mulheres militares, principais sujeitos nesta pesquisa.

Quanto à tendência de utilização de imagens femininas em relação às dos homens, verificou-se que para 40% das mulheres militares, há uma grande tendência; 35% disseram que a tendência é razoável; 15% disseram que há um pouco de tendência e 10% disseram que não percebem tal tendência. Já 24,24% dos militares (praças) afirmam que há muita tendência; 18,18% disseram reconhecer que há uma tendência razoável; 24,24% disseram existir pouca tendência; e 33,33% responderam que não percebem essa tendência conforme as informações contidas no gráfico 7.

Gráfico 7: Tendência do uso de imagens de policiais femininas na PMBA



Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018

Com os oficiais respondentes pôde-se obter o seguinte: 40% responderam que há muita tendência; 35% disseram que a tendência é razoável; e, por fim, 25% responderam que não há tendência.

Entre os civis, a maioria acredita que há uma tendência razoável a utilizarem mais imagens de mulheres em vez de imagens do sexo oposto, sendo assim para 55% das mulheres e 40% dos homens que responderam o questionário. De acordo com boa parte dos respondentes civis, 25% mulheres e 30% homens, há muita utilização de imagens femininas em comparação a dos homens.

5 CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, o trabalho revelou que a inserção da mulher na polícia militar contribui significativamente para a propagação de uma imagem positiva da instituição perante a sociedade como um todo, mas que tal presença também é fruto do empoderamento da mulher através dos tempos. Ademais, destaca que as habilidades femininas colaboram para



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

que as policiais militares desenvolvam com maior destreza os diversos papéis sociais que lhes são designados.

Conforme pôde-se observar, as mulheres têm frequentemente suas imagens estampadas em redes e mídias sociais, bem como são empregadas em programas e projetos através dos quais têm mais contato com o público e isso facilita o processo de aproximação entre polícia e comunidade, desconstruindo, assim, consideravelmente os resquícios negativos advindos do Regime Militar.

Por fim, a pesquisa foi fundamentalmente importante para se entender o papel que a profissional de segurança pública exerce na sociedade e como pode contribuir ainda mais e de uma maneira melhor para o desenvolvimento da sociedade da qual faz parte e a qual prometeu defender “mesmo com o risco da própria vida” no juramento institucional.

REFERÊNCIAS

VALLE, Maria Ribeiro do. **1964 – 2014: Golpe Militar, História, Memória e Direitos Humanos**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014.

BAHIA. **Estatuto da Polícia Militar da Bahia**. Lei nº 7.990 de 27 de dezembro de 2001. Disponível em: <<http://www.pm.ba.gov.br/7990.htm>>. Acesso em 20 de mai. 2018.

KOTLER, P. **Marketing**. Ed. compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

_____. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, Vol.6, N° 2, jul/dez 1990.

SILVA, José Afonso da. **Curso de Direito Constitucional Positivo**. 9ª Ed. São Paulo: Editora Malheiros, 1993.



VIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VIII ETBCES

SILVA, Luciana et. al. **Mulheres na Polícia Militar Mães x Não Mães**. Trabalho de Sociologia – Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da Polícia Militar da Bahia. 2005.

SHOTTER, J LOGAN, S. **A penetração do patriarcado**: sobre a descoberta de uma voz diferente. In GERGEN, M.MC. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Brasília: Edumb/Rosa dos Tempos, 1993.

SOARES, Bárbara Musumeci Et All. **Mulheres policiais**: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOARES, Vera. **Movimento Feminista**. Paradigmas e Desafios. Revista de Estudos Feministas. Rio de Janeiro. Número Especial. 2º Semestre. 1994.